

## OPINIÃO

### Se os blockchains precisam conversar, interoperabilidade é o caminho!

Marcus Vinicius Melo (\*)

*Nos últimos anos, o mercado de blockchain evoluiu rapidamente, levando inovação digital a diversos setores.*

O tamanho total da indústria blockchain, segundo dados de um relatório da Grand View Research, até 2030 espera-se que esta tecnologia tenha uma taxa de crescimento anual composta de 87,7%. O motivo, de acordo com o documento, é o crescente interesse dos fundos de capital de risco sobre esta plataforma.

No entanto, um dos grandes desafios que ainda persistem é a interoperabilidade entre diferentes blockchains. Empresas e projetos precisam de um ecossistema em que ativos e informações possam ser compartilhados de maneira segura e eficiente. Soluções como Polkadot e Cosmos surgiram justamente para preencher essa lacuna, permitindo a comunicação entre blockchains e impulsionando um ambiente mais colaborativo e integrado.

O Polkadot foi criado pela Web3 Foundation e se destaca por sua estrutura disruptiva que conecta várias blockchains em uma rede unificada. A plataforma utiliza um conceito chamado Relay Chain, que funciona como um hub central, ao qual diferentes blockchains – chamadas de Parachains – podem se conectar. Essa arquitetura permite que projetos distintos troquem dados e ativos entre si sem a necessidade de intermediários, garantindo mais eficiência, segurança e escalabilidade.

Além disso, o modelo de governança descentralizada da Polkadot oferece flexibilidade para atualizações e melhorias constantes, o que é essencial para empresas que buscam inovação contínua.

Por outro lado, a opção Cosmos propõe uma abordagem diferente para a interoperabilidade, focando em sua infraestrutura chamada Inter-Blockchain Communication (IBC). Ao contrário de Polkadot, que utiliza uma cadeia centralizada, o Cosmos aposta na criação de um ecossistema de blockchains independentes que podem se comunicar entre si através do protocolo IBC.

Isso significa que cada blockchain desenvolvido dentro do Cosmos pode manter sua soberania enquanto ainda consegue trocar informações e ativos com outras redes. Para empresas que desejam desenvolver soluções personalizadas sem abrir mão da interoperabilidade, o Cosmos oferece uma alternativa que atende bem a essas demandas.

(\*) CEO da Sigma Infinity.

## Startup bilionária vendia “inteligência artificial” operada por humanos

Enquanto o mundo do trabalho teme ser substituído pela inteligência artificial em praticamente todas as funções, um caso recente expõe o lado oposto dessa revolução tecnológica — e levanta sérias dúvidas sobre os bastidores do setor.

Vivaldo José Breternitz (\*)

Durante muito tempo, um grupo de desenvolvedores indianos trabalhou nos bastidores se passando por um sistema de IA. O objetivo? Permitir que a startup Builder.AI ganhasse credibilidade no mercado e captasse centenas de milhões de dólares de investidores desavisados.

A empresa, que chegou a ser avaliada em US\$ 1,5 bilhão e era tida como uma das promessas da era da inteligência artificial, declarou falência recentemente. Em meio a balanços pouco claros, projeções de vendas infladas e uma tecnologia praticamente inexistente, revela-se agora o que pode ser uma das maiores fraudes do setor tecnológico dos últimos anos.

Além disso, projetos como o Polkadot e o Cosmos abrem portas para novas possibilidades de monetização e parcerias estratégicas. Companhias podem explorar a criação de tokens interconectados que fluem de forma fácil entre diferentes redes, promovendo novas formas de liquidez e modelos de negócios inovadores. Os benefícios vão além da simples conectividade; essas soluções permitem a criação de mercados descentralizados e ecossistemas que incentivam a colaboração entre players antes isolados.

Fundada em 2016 por Sachin Dev Duggal, a empresa nasceu com a promessa de democratizar a criação de software. Duggal, considerado um prodígio no mundo da tecnologia, chegou a atrair grandes investi-



dores e parceiros como a Microsoft, além de fundos como a SoftBank (US\$ 30 milhões em 2018), Qatar Investment Authority e Viola Credit, que injetaram juntos mais de US\$ 445 milhões entre 2022 e 2023.

Apesar de rumores publicados pelo *Wall Street Journal* em 2020 já questionarem a tecnologia, a Builder.AI continuou crescendo. Foi apenas quando a Viola Credit, uma empresa de investimentos israelense, decidiu cobrar seu empréstimo de US\$ 37 milhões que a empresa entrou em colapso.

A derrocada foi acelerada por denúncias de manipulação de dados financeiros, incluindo um suposto aumento fraudulento

de 350% nas receitas. As suspeitas culminaram na substituição de Duggal no comando do conselho e no início de auditorias.

O golpe final veio com uma publicação no LinkedIn feita por Lina Beliunas, da empresa de análise Zero Hash, que revelou a existência dos 700 programadores indianos operando o que seria, na teoria, uma plataforma de IA.

O episódio levanta dúvidas sobre capacidade do mercado — em meio ao frenesi da inteligência artificial — de distinguir inovação real de lixo bem embalado.

(\*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor e consultor – vjnitz@gmail.com.

## Como a IA pode ser sua colega de trabalho

A inteligência artificial já não é mais uma promessa distante: ela está presente nas decisões que moldam o dia a dia de empresas, instituições e até de governos. A título de exemplo na iniciativa privada, pode-se tomar a Johnson & Johnson, que já implantou uma série de estratégias para, com o uso da IA, otimizar resultados de exames, sugerir atividades personalizadas à promoção da saúde, oferecer suporte à decisão clínica e acelerar a descoberta de novos medicamentos. No setor público, o Plano Diretor de IA no Estado do Paraná surge como um marco. Tais ações mostram que o uso da IA vai além de chatbots, atendimento automatizado e algoritmos para personalização de campanhas.

Nesse contexto, os profissionais da área de TI desportam como os mais requisitados, mas não são os únicos. Aos diversos profissionais da área de negócios surgem “novos colegas” de trabalho, os chamados agentes de IA: sistemas computacionais que percebem o ambiente, processam informações e executam ações de forma autônoma ou semiautônoma para atingir objetivos específicos. Assim, a integração entre times humanos e agentes de IA tornou-se uma habilidade obrigatória para trabalhadores de todos os níveis.

Essa configuração já é realidade em diversos setores e, no mundo corporativo, poucas coisas são tão previsíveis quanto a necessidade de resiliência: nova equipe, novos desafios.



desafios: como garantir que a IA complemente, e não substitua, o julgamento humano? Como preparar lideranças e equipes para interagir com sistemas que aprendem, se adaptam e, muitas vezes, surpreendem?

Infelizmente, não há respostas imediatas. Mas, se se deseja ir além dos achismos, é necessário trilhar três caminhos principais e não excluídos. Primeiro, investir em formação crítica e ética para o uso da IA, garantindo que os profissionais compreendam seus limites e potencialidades. Segundo, estabelecer diretrizes claras de governança algorítmica, com foco em transparência e responsabilidade. E, por fim, cultivar uma cultura organizacional que valorize a colaboração entre humanos e máquinas, reconhecendo que a inteligência coletiva pode ser ampliada (e não apenas ameaçada) pela tecnologia.

Portanto, gestores encontram-se diante de um duplo estímulo. Por um lado, fomentar a integração entre equipes humanas e agentes de IA. Por outro, aperfeiçoar a tomada de decisão. Situações que não chegam a ser um dilema, mas devem ser encaradas como duas faces de uma mesma moeda.

O surgimento dos chamados “times híbridos” revela que a IA não está apenas automatizando tarefas, mas participando ativamente da construção de soluções. A transformação traz

Portanto, não há mais tempo para esperar como a IA vai impactar os seus negócios. Sejam eles quais forem, ela já está impactando! E nem gestores, nem empreendedores, nem acadêmicos podem se dar ao luxo de percorrer as três vias sozinhos. A construção de um processo decisório mais assertivo com times híbridos vai exigir maior cooperação entre todos.

(Fonte: Pedro Henrique Pontes é economista e professor do Centro Universitário Internacional – Uninter).

## News @TI

### TD SYNNEX divulga estratégia para a prática de segurança cibernética

TD SYNNEX anunciou sua estratégia na prática de segurança cibernética para seus parceiros na América Latina e Caribe. O principal objetivo é ajudá-los a acelerar a adoção de soluções de segurança cibernética, fornecendo o suporte personalizado de que precisam, independentemente do estágio do processo em que se encontram. A TD SYNNEX conta com uma equipe robusta e dedicada à América Latina e Caribe, composta por mais de 250 especialistas, incluindo gerentes de negócios de fornecedores, gestores de desenvolvimento de negócios (BDMs) e engenheiros de pré e pós-vendas. Possui, também, os recursos e ferramentas para apoiar seus parceiros na evolução de seus modelos de negócios e

ricardosouza@netjen.com.br

garantir que suas organizações estejam preparadas para fornecer com sucesso tecnologias de alto crescimento (<https://lac.tdsynnex.com.br/pt-br/>).

### CRM integrado ao ChatGPT

HubSpot, plataforma de gestão de negócios e CRM, acaba de anunciar que é o primeiro CRM no mundo a lançar um conector de pesquisa com o ChatGPT. Mais de 250 mil clientes que já utilizam a plataforma da HubSpot em toda a operação de marketing, vendas e atendimento, agora também podem utilizar este conector integrado ao ChatGPT para realizar análises mais profundadas e obter insights reais. A nova solução está disponível em todas as versões do plano pago do chatbot (<https://br.hubspot.com/>).